

## **SEXUALIDADE: PERCEPÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO DE MATTOS CARVALHO/SIMÃO DIAS-SE.**

**Fernanda Ramos Santos. Universidade Federal de Sergipe.**

**nandabio\_2005@yahoo.com.br**

A adolescência e a juventude têm ocupado lugar de destaque no contexto das grandes inquietações que afetam a comunidade mundial. Tais inquietações devem-se, entre outros problemas, a gravidez precoce, aborto e DST/Aids. Assim, esse trabalho tem por objetivo traçar as percepções dos atores escolares sobre a sexualidade, enfocando suas ideias, valores e perspectivas sobre os temas: a intervenção da escola no campo da sexualidade, a conversa sobre sexualidade, virgindade, gravidez juvenil e homossexualismo. Para isso, foi utilizada a pesquisa etnográfica, com entrevistas semi-estruturadas, envolvendo a comunidade escolar do Colégio João de Mattos Carvalho/Simão Dias-SE, observação participante e análise de documentos oficiais. A pesquisa aponta que a sexualidade deve ser explorada na escola, de forma a superar os tabus, preconceitos e intolerâncias.

**Palavras-chave:** sexualidade - atores escolares - escola.

### **ABSTRACT**

Adolescence and youth have been important themes from some of the inquietudes which affect world community. Such inquietudes are due to, among other problems, the early pregnancy, abortion and sexual disease/AIDS. This work aims to design thoughts by scholar authors about sexuality, focusing on ideas, values and perspectives about the following themes: the role of school in the field of sexuality, the conversation about sexuality, values related to virginity, young pregnancy and homosexuality. Because of that, it was developed an ethnographic research, with semi-structured interviews, involving João de Mattos Carvalho School – Simão Dias / SE, besides taking part and observing, there was analysis of some official documents. The research shows that sexuality must be explored at school, it may overcome tabus, prejudice and intolerance.

**Key words:** sexuality - scholar authors - School.

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência e a juventude têm ocupado um lugar de destaque no contexto das grandes inquietações que afetam a comunidade mundial. Dados levantados pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (1999) mostram que os jovens vêm iniciando a vida sexual muito mais cedo. A década de 1990 surpreendeu estudiosos da área com o aumento da fecundidade no país. Entre 1991 e 2000 é registrado um crescimento significativo do número total de filhos tidos pelas jovens de 15 a 19 anos. Além disso, a expansão da AIDS, com um aumento de 75%, entre as jovens de 13 a 19 anos, entre 1991 e 2000 (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Diante desse quadro, podem ser levantadas algumas interpretações: ausência de programas de educação sexual nas escolas; falta de diálogo sobre sexualidade no ambiente familiar; educação sexual baseada em tabus ou preconceitos religiosos, distanciados da realidade dos jovens; falta de conhecimento sobre as percepções e representações que os jovens têm a respeito da sexualidade.

Dessa forma, este trabalho procura desvelar as percepções dos atores escolares a respeito da sexualidade, visando especificamente: verificar se e como está sendo trabalhada a educação sexual na escola; captar as representações dos atores escolares sobre a educação sexual na escola; pesquisar no imaginário da comunidade escolar as crenças e valores associados à sexualidade; analisar a relação da dimensão organizacional da escola com os parâmetros norteadores da educação sexual que é desenvolvida na instituição; buscar a relação entre as ideologias sociopolíticas/ culturais e a prática pedagógica da educação sexual.

Para atender a esses objetivos, foi utilizada a pesquisa do tipo etnográfica, que segue uma abordagem qualitativa, enfocando as ideias, valores e perspectivas da comunidade escolar sobre os seguintes temas: a intervenção da escola no campo da sexualidade, a conversa sobre sexualidade, valores quanto à virgindade, gravidez juvenil e homossexualismo.

Dentro dessa abordagem qualitativa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observação participante e análise de documentos. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual João de Mattos Carvalho, Simão Dias-SE, envolvendo a participação de 40 atores escolares, entre eles, alunos e pais de alunos da 7ª Série do Ensino Fundamental, professores e todo o corpo administrativo e pedagógico da instituição.

Assim, esta pesquisa constituirá uma importante fonte de conhecimento na área da sexualidade, pois abrirá caminhos para o entendimento das percepções que os jovens têm de si mesmo e do mundo que os cerca.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sexualidade constitui um dos temas amplamente investigados nas últimas décadas e que historicamente tem se apresentado sob diferentes abordagens e concepções.

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. Se expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. [...] Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004:29).

Assim, considerando essa amplitude do conceito de sexualidade passa-se a seguir algumas abordagens teóricas e algumas referências sobre sua historicidade, enfatizando a relação entre sexualidade e educação.

### 2.1 – Sexualidade: diferentes abordagens

Primeiro pesquisador a reconhecer a manifestação da sexualidade desde o início da vida, Freud, apresentou grandes contribuições ao estudo da sexualidade humana. Desde então, uma série de estudiosos passou a buscar mais conhecimento a respeito desse complexo fenômeno biopsicossocial, tanto com referenciais psicanalíticos, quanto comportamentais e biológicos.

Na sua obra intitulada “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud afirma que:

A opinião popular tem idéias muito precisas a respeito da natureza e das características do instinto animal. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade, e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo, presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzam nessa direção” (FREUD, 1977:135).

Essa abordagem revela uma crítica que Freud faz às noções que a medicina e a biologia, desde o século XVIII, haviam estabelecido a respeito do instinto sexual humano.

O século XVIII é um marco importante para a compreensão da história da teoria científica relativa ao sexo. Neste período a medicina era vista como uma área científica em que deixava o assunto sexual a cargo do folclore popular e dos confessores. A sexualidade no âmbito da medicina só aparecia quando estava relacionada à saúde ou disfunção orgânica. Assim, o comportamento sexual propriamente dito estava longe de constituir nela um tema de

preocupação. A sexualidade estava reduzida à função reprodutora e como afirma Cortez e Souza (1997: 14) “a medicina ao postular a coincidência entre a sexualidade e a reprodução, forçou o distanciamento entre a sexualidade e a subjetividade”. Qualquer instinto sexual que não visasse à reprodução era considerado como uma doença ou aberração da natureza. A partir daí, iniciou-se um discurso científico e médico que apontava e ditava padrões de normalidade.

Logo, não era aceita a idéia de sexualidade na infância, nem qualquer outra fase da vida. Outra questão a ser colocada é que para haver reprodução é necessária a união de sexos diferentes. Logo, o homossexualismo e a masturbação eram consideradas práticas anormais. Por fim, a manifestação da sexualidade que não estivesse restrita ao contato dos órgãos genitais, também era considerada um padrão de anormalidade (CORTEZ e SOUZA, 1997).

Contudo, com a separação da Igreja e o Estado, que tem início em alguns países no final do século XVIII e no caso do Brasil somente no século seguinte, esta realidade é rompida. A regulamentação da conduta sexual foge da exclusividade dos cânones jurídicos e religiosos e o sexo torna-se então assunto do Estado, preocupado com o controle demográfico e suas implicações econômicas (CORTEZ e SOUZA, 1997).

Segundo Freud (cit in Rabelo, 2000), a sexualidade pertence ao sujeito que tem desejos como impulso vital e que busca incessantemente o prazer e a fuga da dor. Considera ainda que dentro do processo de repressões e frustrações a educação tem papel fundamental, pois desde o nascimento, a instituição familiar educa para controlar os sentimentos a partir da repressão. Reprime os instintos para que só existam comportamentos adequados para a sociedade.

Contudo, para Foucault (1988), esta hipótese repressiva não daria conta de explicar os destinos do desejo ou da sexualidade, pois parte da concepção de que a sexualidade é o sexo em discurso e que os discursos de uma forma geral se produzem na nossa sociedade como dispositivos institucionais. Assim, cada indivíduo dentro da sociedade faz parte de várias instituições sociais, a família, a igreja, a escola, o trabalho, e nestas estabelece relações sociais, diretas ou indiretas.

Neste sentido, a sexualidade não foge desse conjunto de relações estabelecidas pelas instituições sociais. Como afirma Guirado (1997), grande parte dos dispositivos institucionais tem suas formas de trazer o sexo para o discurso.

O século XVII teria sido marcado por uma época de repressão própria das sociedades burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente livres. Neste momento, considerado a era da burguesia vitoriana, a sexualidade teria sido encerrada. “Muda-se para

dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade de reproduzir. “[...] No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais” (FOUCAULT, 1988:9-10).

Para Foucault (1988), a sociedade quer controlar essa sexualidade não a partir da repressão, mas a partir dos dispositivos saber/poder, pois considera que esses dispositivos criados para reprimir acabam por ter efeitos contrários àqueles a que se propõem.

A técnica da confissão, muito utilizada na Idade Média, representa uma das relações de poder estabelecidas dentro deste dispositivo. As pessoas que acreditam no sacramento da confissão, a cada vez que se confessam, põem no discurso, entre seus pecados, os da carne e, com isso, fazem manifestar uma forma de sexualidade à margem daquela heterossexual, voltada à reprodução.

Desta forma, a sexualidade se torna um dispositivo concreto de poder, pois se inscreve em todas as relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, etc. É, portanto, um elemento de controle eficaz, sobre o sujeito e a sociedade.

## **2.2 - O papel da escola no campo da sexualidade**

Para Foucault (1988) a escola é um dos dispositivos de poder da nossa sociedade, capaz de controlar e punir os indivíduos que fogem as normas impostas. De fato, o controle e a prevenção historicamente têm sido a tônica da escola e da família na preocupação com a sexualidade de crianças, adolescentes e jovens.

Foucault demonstra que, sob a capa da repressão e silêncio sobre a sexualidade, a escola passou a falar incessantemente de sexo: na vigilância constante da criança, no confinamento da infância nas escolas, na separação entre os sexos, na arquitetura escolar, no combate sem trégua à masturbação (CASTRO e cols., 2004: 34).

Em 1998, a temática da sexualidade recebeu destaque, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 2000). A partir de então, orientação sexual foi assumida pelo Governo Federal por meio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) como um dos “temas transversais” a serem abordados de forma articulada com as disciplinas e outros temas como: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural.

Os PCN’s foram assim propostos no sentido de ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares.

A discussão atual sobre a relação educação/sexualidade tem sido orientada sob duas perspectivas: de um lado, têm-se professores que reduzem as discussões sobre sexualidade a informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia humana. Com essa abordagem, a escola preocupa-se apenas com a transmissão de conhecimentos especializados, deixando normalmente de lado as ansiedades e curiosidades dos alunos. Neste sentido, as dimensões culturais, afetivas e sociais não são levadas em consideração.

De acordo com essa perspectiva cabe a um único professor, o de Ciências, transmitir e discutir questões sobre a sexualidade humana, tirando assim, a responsabilidade dos outros professores, no que diz respeito à educação sexual dos alunos. O grande problema é que esses professores não se dão conta de que diretamente ou indiretamente estão exercendo influência na educação sexual de seus alunos, seja por meio de breves comentários, observações, ou comportamentos que expressam seus valores, crenças, tabus e preconceitos.

Em contrapartida, a segunda perspectiva aponta para a descentralização do tema em diversas áreas do conhecimento, de forma a promover abordagens interdisciplinares e pluralistas, que vão além dos aspectos biológicos.

É preciso que as informações transmitidas aos alunos não sejam apenas compreendidas, mas também, utilizadas no seu dia a dia como conhecimento efetivo. Independente da intenção ou não da escola, esta desempenha uma função na educação sexual de seus alunos, já que é um espaço integrador da sociedade, onde as pessoas por meio de suas atitudes e comportamentos expressam suas visões, crenças, valores, preconceitos e ideologias.

Estudos têm mostrado que muitos pais são favoráveis à educação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para as crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa. “Uma pesquisa do Instituto Data Folha, divulgada em 1993 e realizada em dez capitais brasileiras, constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à intervenção da escola no campo da sexualidade” (BRASIL, 2000:111).

Ainda que para muitos, a escola seja considerada um espaço ideal para trabalhar a questão da sexualidade, apontam-se alguns questionamentos a respeito desta relação educação/sexualidade.

Segundo Castro e cols. (2004), muitas escolas ainda não desenvolvem trabalhos sobre sexualidade. Em outras, o tema sexualidade é tratado somente nas aulas de Ciências ou ainda em outros casos, tem sido abordado em palestras, trabalhos pontuais, que na maioria das vezes retratam discursos distantes das vivências e das emoções dos alunos.

Além disso, percebe-se que muitos professores não estão preparados para trabalhar com a temática sexualidade. Nota-se a falta de preparo e de capacitação para repassar para os alunos os temas transversais propostos pelos PCN's, pois as dúvidas vão além da informação, passando por experiências de vida pessoal.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 – A pesquisa do tipo etnográfico**

Este trabalho visou identificar a multiplicidade de concepções dos atores sociais ligados à escola, sobre a temática Educação Sexual, através de uma abordagem de caráter qualitativo. Para isso foi utilizada a pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada.

Esse tipo de pesquisa utiliza-se de técnicas etnográficas como a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas e a análise de documentos. A partir dessas técnicas é possível, segundo André (1995: 41), “documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais”.

#### **3.2 Área de estudo**

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual João de Mattos Carvalho, localizada na Praça Abel Jacó dos Santos, nº 892, na cidade de Simão Dias-SE, sendo mantida pelo Governo Estadual e criada a partir do Decreto nº 06 de 16/04/1969.

Atualmente, ministra o Ensino Fundamental, de 1ª à 8ª série, onde inclui Educação Especial e Projetos de Alfabetização, sendo todas as atividades escolares desenvolvidas nos turnos matutino e vespertino.

Com relação à estrutura pedagógica e administrativa, a escola apresenta uma diretora, uma coordenadora, uma secretária, dezessete professores, oito serventes, duas merendeiras e dois porteiros e um total de 354 alunos distribuídos nos cursos citados anteriormente.

#### **3.3 Procedimentos de coleta de dados**

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 15 alunos (A), 8 professores de diferentes áreas do conhecimento (P), 7 funcionários – direção, coordenação, secretárias, porteiro, serventes (F) e 10 mães de alunos (M), num total de 40 entrevistas. Nestas entrevistas foi investigado: (1) se e como está sendo trabalhada a temática Educação Sexual

na escola; (2) na visão dos atores escolares de quem é a responsabilidade para lidar sobre a questão da sexualidade (da escola, da família, dos meios de comunicação, dos amigos, etc); (3) se a comunidade escolar é favorável à intervenção da escola no campo da sexualidade; (4) quais as temáticas sobre sexualidade que são ou deveriam ser abordados em sala de aula; (5) quais as formas de organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisão, disponibilidade de recursos humanos e materiais da instituição; (6) quais as percepções da comunidade escolar quanto a virgindade, gravidez juvenil e homossexualismo.

A observação *in loco* e a consulta de documentos oficiais, como o Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico da escola, também foram técnicas utilizadas neste estudo.

### **3.4 Procedimentos de tratamento dos dados**

Para o tratamento dos dados foi feita uma pré-análise do material levantado (conhecimento global dos conteúdos), a exploração desse material (estabelecimento de categorias de análise dos conteúdos) e a análise interpretativa (busca de sentido dos conteúdos, a partir do referencial teórico).

## **4. TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **A intervenção da escola no campo da sexualidade**

A sexualidade no cotidiano escolar figura como um dos temas mais inquietantes, considerando a diversidade de visões, crenças e valores dos diversos atores escolares, assim como os tabus e preconceitos que estão relacionados a essa temática.

Segundo Groppa Aquino (1997), a relação educação/sexualidade ainda não é bem aceita entre pais, professores e alunos. Entretanto, Castro e cols. (2004) observam que apesar de alguns pais entenderem que a escola “não é lugar de ensinar saliências”, a maior parte deles e maior proporção professores e alunos são favoráveis à discussão sobre sexualidade nas escolas.

Percebe-se que a comunidade escolar pesquisada reconhece a importância da educação sexual nas escolas. Os atores escolares assim se expressam:

“É importante falar disso na escola para alertar muitos colegas que não conhecem esses assuntos”. (A-9). “Sou a favor da escola trabalhar essa questão da sexualidade, desde que o profissional esteja preparado para isso”. (F-1). “A sexualidade em casa é restrita. É dever da escola, pois a família não fala”. (P-2). “Se a escola não falar, a televisão fala, os amigos falam, por isso sou a favor”. (M-1)

Para esses, a escola é a instituição mais indicada para tratar da questão da sexualidade, já que além de ser um espaço integrante e integrador da sociedade é também capaz de formar indivíduos equilibrados, responsáveis e, sobretudo livres de muitos tabus e preconceitos.

Contudo, apesar de defenderem a educação sexual no âmbito escolar, alguns entrevistados revelam que esta aproximação entre sexualidade e educação ainda figura como uma tarefa difícil, como pode ser percebido nas falas seguintes:

“Eu vejo muito a sexualidade ser trabalhada dizendo apenas o que o jovem deve ou não fazer, mas não se trabalha a questão dos sentimentos, o amor...” (F-2). “A escola ainda não esta preparada para esse trabalho. É como a inclusão de alunos especiais...fala-se muito em inclusão, mas na verdade não existe (F-1).

Como afirmam Cortez e Souza (1997), a escola ainda hoje mais se adequa ao formato de *scientia sexualis*, proposto por Foucault, no qual a ênfase é dada na razão e no controle, ou seja, a preocupação maior está em ministrar conhecimentos especializados que envolvem reprodução e prevenção. Nesse sentido, observa-se que dificilmente a escola está preocupada em desenvolver trabalhos voltados para a subjetividade do indivíduo, como a afetividade, a ansiedade, os medos e angústias.

Trabalhar a sexualidade humana, não só no campo das Ciências Naturais, mas nos diversos campos disciplinares, tem sido uma perspectiva na área educacional que vem se ampliando. É nesta perspectiva que o Ministério da Educação e do Desporto inclui a Orientação Sexual nos PCN's, não obrigatória, mas recomendada para ações dentro da escola, como tema transversal a ser abordado de forma transversal.

Outro questionamento que tem sido apontado diz respeito à forma de intervenção da escola no campo da sexualidade. Segundo Castro e cols. (2004), além de muitas escolas tratarem de sexualidade somente nas aulas de Ciências, existem casos, em que o tema tem sido abordado na forma de palestras, trabalhos pontuais, que na maioria das vezes retratam discursos distantes das vivências e das emoções dos alunos.

Observa-se neste estudo que a escola pesquisada trabalha Educação Sexual a partir de palestras realizadas por profissionais de diversas áreas. Associado as palestras, a temática sexualidade é abordada nas aulas de Ciências, dentro do conteúdo programático da disciplina e em discussões em outras aulas a partir das dúvidas trazidas pelos alunos.

Contudo, apesar da escola desenvolver essas atividades, observa-se que o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar da instituição não apresentam nenhuma consideração, no que diz respeito à educação sexual na escola.

### **A conversa sobre sexualidade**

Durante muito tempo, falar de sexo era proibido, pois este estava sempre associado a imoralidades. Ainda hoje, para muitos pais e também educadores falar de sexo é extremamente difícil, mesmo sabendo que o desenvolvimento da sexualidade está intimamente ligado ao desenvolvimento do ser humano.

Segundo Foucault (1988) é provável que tenhamos herdado resquícios de uma época de repressão da sociedade burguesa, que impõe o princípio de uma sexualidade negada e reduzida ao silêncio, onde as crianças eram proibidas de manifestar sua sexualidade.

De fato, ainda hoje, muitos jovens, pais e educadores encontram dificuldades para conversar abertamente sobre esse assunto. Assim eles se expressam:

“Busco mais informações nas revistas e com as amigas. Tenho vergonha de falar com meus pais”. (A-3). “Meus pais acham que a gente tem que aprender com a vida, eles acham que os professores vão falar”. (A-10). “Até hoje, os pais nunca tiveram uma conversa franca, verdadeira. Um pai não chega para uma filha e fala de sexo”. (F-6). “Quando tô assistindo televisão e passa algumas cenas...eu tenho vergonha dos meus filhos e mudo de canal”. (M-9)

Observa-se nos depoimentos acima que a sexualidade ainda é um tabu entre pais e filhos. Assim, a escola acaba sendo indicada para assumir essa responsabilidade, que em parte é da família. Cada vez mais o tema deixa de ser tratado em casa para ser tratado num grupo de amigos, na mídia ou na própria escola.

Para muitos pais a mídia tem um poder de influência muito grande no desenvolvimento da sexualidade dos filhos, sendo considerado um fator negativo, como pode ser percebido nos depoimentos seguintes:

“A perdição veio mais depois da televisão. A televisão ensina tudo...sou contra a certos programas” (M-7). “Hoje a novela das seis já passa sexo”. (M-9). “Quando tô assistindo televisão e passa algumas cenas...eu tenho vergonha dos meus filhos e mudo de canal...e minha filha diz que não adianta, pois na escola ela estuda essas coisas ” (M-9)

### **Valores quanto à virgindade**

Por muito tempo o instinto sexual foi considerado uma força animal que precisava ser dominada e controlada para que esta não exercesse um domínio sobre nós. Tal atitude refletia uma concepção de sexualidade como algo negativo do ser humano e, portanto, padrões de comportamento passaram a ser defendidos, como é o caso da virgindade.

Apesar do ser humano ser hoje entendido como um ser integrado, onde todos os seus elementos (razão, sentimentos, necessidades instintivas) se relacionam e têm o mesmo valor,

não podemos deixar de considerar que ainda herdamos resquícios de alguns valores morais carregados de um poder controlador e repressivo.

Na sociedade moderna ainda persiste, uma forte tendência a autocobrança de uma atividade sexual mais precoce e intensa por parte do sexo masculino e uma grande valorização da virgindade por parte das jovens, como pode ser percebido nas falas a seguir,

das meninas:

“Acho a virgindade importante. É o que minha mãe fala...Ela diz veja sua irmã com 16 anos já está grávida..Acho importante também porque quando a mulher perde a virgindade os homens chamam logo de puta”. (A-1). “É importante só para a mulher”. (A-3)

dos meninos:

“Pra mulher é mais importante, porque alguns homens não querem as mulheres que não são mais virgens”. (A-8). “Acho importante pra a mulher, pois é quem sofre. A mãe pode saber e não gostar....Pro homem é normal. Os pais acham normal”. (A-11)

Ainda que estudos como o de Castro e cols. (2004), confirmem que tanto as meninas quanto os meninos vêm iniciando a vida sexual muito mais cedo, nota-se nos depoimentos acima que ainda existe uma forte repressão sobre o corpo feminino, o que pode ser justificado pela construção social/cultural da masculinidade, numa sociedade que adota a iniciação da atividade sexual como um dispositivo de controle (Foucault, 1984). Nesse sentido, os valores impostos pela família e a pressão social acabam por influenciar o comportamento e as atitudes dos jovens.

Para os adultos, nota-se que apesar de muitos considerarem importante a virgindade, existe um consenso, principalmente entre os pais, de que não se educa mais a partir da proibição, pois independente de sua valoração sobre a virgindade, este é um campo em que a autonomia, o controle e o uso do corpo manifestam cada vez mais pelos jovens.

Desta forma, os pais têm procurado substituir a repressão e proibição por outros discursos, como é observado na fala abaixo:

“Eu sempre falo para meus filhos que eles não são loucos de colocar uma mulher em casa, pois se arrumarem filhos vão ter que assumir as responsabilidades”. (F- 1)

Assim como os pais, os professores também reconhecem que a educação sexual nas escolas não podem mais ditar regras de comportamento.

### **A gravidez juvenil**

Segundo Souza J. F. (2006), hoje é cada vez mais cedo o ingresso dos adolescentes na vida sexual ativa. Os dados estatísticos das décadas de 70 e 80 mostram que a idade vem

caindo de forma bem acentuada em relação ao ingresso, especialmente das meninas, na vida sexual ativa. Isso traz várias conseqüências, uma delas é a gravidez juvenil.

O Brasil figura no Relatório Mundial sobre População da ONU (2002) como um dos países que apresentam taxas acima da média mundial de gravidez na adolescência, que é de 50 nascimentos por mil mulheres. A taxa brasileira é maior do que a de alguns países pobres, como Sudão, Iraque e Índia (CASTRO e cols., 2004).

Os atores escolares se expressam da seguinte forma:

“A gravidez na adolescência é um problema, porque perde a juventude. Minha irmã mesmo, vai ter que parar de estudar para ficar com o filho”. (A-1) “Acho péssimo...porque empata a menina de estudar...Conheço uma menina de 15 anos que engravidou e parou de estudar...”. (A-8).“Conheço uma menina que saiu do colégio tem 2 anos...saiu por causa da gravidez e parou de estudar. Eu acho que isso que ela fez atrapalhou a vida..e que ela poderia melhorar nos estudos e progredir na vida. Só fez perder sua juventude...sua independência”(A-10)

Como observado nos depoimentos acima, os alunos encaram a gravidez juvenil como um problema, pois enfatizam que essa dificulta a continuidade dos estudos das jovens. Outra dificuldade apontada por um aluno, quanto à gravidez juvenil, é a instabilidade dos vínculos conjugais, ou seja, a não disposição dos jovens para assumirem a paternidade:

“Quando engravida e casa é bom, mas quando se separa fica chato... A mãe tem que assumir o papel de pai e mãe e também porque outra pessoa não quer casar com uma que já tem filhos”. (A-9)

Assim, como os alunos, os pais dos alunos também revelam que a gravidez na juventude traz problemas para a vida dos jovens e adolescentes:

“Tenho uma filha que esta grávida. O namorado queria que ela parasse de estudar, mas eu disse que ela não vai parar, sei que é difícil, mas tem que continuar”. (M-1).“Realmente a gravidez na adolescência atrapalha!” (M-7)

Diante desta temática, os atores escolares atribuem diversos sentidos explicativos para que ocorram casos de gravidez entre jovens:

“Isso acontece (a gravidez juvenil) por que os filhos não conversam com os pais”. (A-2)“A gravidez na adolescência acontece por causa da falta de conselhos pais e também a falta de informações”. (A-3).“A gravidez na adolescência acontece porque os pais não cuidam, não conversam”. (A-4). “A sexualidade em casa é restrita”. (P-2).“Os alunos não tem um apoio da família”. (P-4)“Até hoje os pais não tiveram uma conversa franca com seus filhos. Um pai não chega para uma filha e fala de sexo ou compra um anticoncepcional para sua filha”. (F-2).“Muitas meninas acham que vão segurar um homem ficando grávida e outras porque querem um motivo para sair de casa”. (F-3).“Muitas jovens ficam grávidas porque são inseqüentes mesmo, não estão nem ligando”. (F-5).“Muitos pais não sentam com os filhos para conversar”. (M-2).“Não sou muito chegada a falar com meus filhos sobre essas coisas”. (M-10)

Observa-se nas falas desses atores escolares um discurso que culpa a família, considerando os casos de gravidez juvenil como falta de diálogo entre os filhos e os pais. Por outro lado, sabe-se que muitos alunos preferem não tocar no assunto em casa, seja por vergonha, ou porque não encontram espaço em casa para essa discussão.

Contrariando a percepção de que a gravidez juvenil está associada à falta de diálogo no ambiente familiar, uma mãe assinala que:

“Eu converso muito com minhas filhas. Mas mesmo assim uma filha de 17 anos ficou grávida do namorado...É difícil saber o que leva essas meninas engravidarem cedo”. (M-1)

Por outro lado, outras mães atribuem a culpa a mídia, pois consideram a televisão um forte veículo de comunicação capaz de estimular a iniciação sexual mais cedo.

“A perdição veio mais depois da televisão. A televisão ensina tudo...sou contra a certos programas” (M-7).“Hoje a novela das seis já passa sexo”. (M-9)

Chama particularmente a atenção de que nenhum ator escolar envolvido nesta pesquisa mencionou a falta de informações por parte dos jovens, que justificasse os casos de gravidez na juventude.

Em suma, a gravidez juvenil é entendida como problemática, principalmente pelas conseqüências, como interrupções quanto ao estudo e a constituição de uma família.

### **Homossexualismo**

A medicina do século XVIII deslocou o exercício da sexualidade à função meramente reprodutora. Nesse sentido, a ausência do extinto sexual ou a presença de sua manifestação, numa modalidade que não visasse à reprodução passava a ser questionada. (CORTEZ e SOUZA, 1997).

Contudo, Freud (cit in CORTEZ e SOUZA, 1997) passa a questionar esses padrões de normalidade e anormalidade mostrando que o homossexualismo não deve ser considerado uma anomalia da sexualidade. A relação da pulsão sexual com seu objeto é meramente uma condição de sua história, não de uma inscrição biológica.

Sobre o tema homossexualismo, os atores escolares assim se expressam:

“Sou a favor, é uma escolha deles....o povo manga e tira brincadeiras....”. (A-5).“ As vezes vejo as pessoas xingando os homossexuais”. (A-6).“Eu acho normal o homossexualismo, por sinal minha filha tem professores que são homossexuais”. (M-1).“Respeito os homossexuais, mas no fundo não acho natural”. (F-1)

Nos depoimentos citados acima observa-se que, a maior parte dos atores escolares tem encarado o homossexualismo como algo natural. No entanto revelam que a nossa sociedade ainda carrega expressões de preconceitos e discriminações em torno dos homossexuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, falar de sexualidade era proibido, pois esta era sempre associada à imoralidade. Contudo, com as novas mudanças de valores da sociedade contemporânea, a escola tem sido cada vez mais convocada a trabalhar a questão da sexualidade, livres de mitos, tabus e preconceitos que figuram essa temática.

Nota-se que sexualidade é um tema que provoca muitos debates, polêmicas, atenção e que demarca uma plasticidade de percepções e vivências de cada indivíduo. Contudo, a sexualidade ainda figura como um tema constrangedor entre os atores escolares, principalmente entre pais e filhos. Os jovens encontram mais abertura para falar do assunto entre os amigos e professores, mostrando assim, um dos motivos que justificam a falta diálogo no seio familiar.

Nesta pesquisa, é possível observar alguns esforços no âmbito escolar, no sentido de discutir a sexualidade sob suas diferentes dimensões, visto que a perspectiva da sexualidade trabalhada nas escolas é quase sempre biológica (ensina-se a anatomia dos órgãos sexuais, como se dá a fecundação, o nascimento, os métodos contraceptivos, bem como as estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis).

Apesar da relevância dessas iniciativas, considera-se fundamental desenvolver, no âmbito da escola, uma abordagem mais ampla em torno da sexualidade, enfatizando os aspectos culturais que a envolvem. Deste modo, não só a disciplina de Ciências, mas outros campos do conhecimento podem contribuir significativamente de modo a desenvolver uma educação para a sexualidade, para além dos limites restritos aos aspectos biológicos.

A comunidade escolar tem reconhecido a importância de desenvolver trabalhos sobre sexualidade na escola. Contudo, se a perspectiva é um avanço, ainda se faz necessário reformular o Projeto Pedagógico da instituição, elaborar projetos de educação sexual que promovam um trabalho contínuo nesta área e investir em programas de capacitação de profissionais da educação, para que estes estejam cada vez mais preparados para lidar com a questão da sexualidade.

Além disso, faz-se necessário promover uma maior proximidade da família com a escola e potencializar espaços de discussões entre os alunos, capaz de propiciar uma sexualidade sob suas diferentes dimensões, ligadas à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar dos educandos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Pluralidade Cultural: Orientação sexual**. 2.ed. Brasília: MEC, 2000 (Parâmetros Curriculares Nacionais; 10).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Ciências Naturais**. 3.ed. Brasília: MEC, 2001 (Parâmetros Curriculares Nacionais; 4).

CORTEZ, Maria. C.; SOUZA, Christiano de. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Ed., 1997. p. 11-23.

FOUCAULT, Michael. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade**. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (v.I). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Ed., 1997. p. 28.

RABELO, Amanda O. **A sexualidade do escolar adolescente: entre os ditos e os não-ditos**. [S.L.]: Virtual Books. 2000. Disponível em <http://pedagogiaeetc.vilabol.uol.com.br/monografia.htm>. Acesso em: 20 jul. 2006.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Ed., 1997. p. 107-117.

SOUZA, Jane Felipe. **A Sexualidade desperta mais cedo**. Mundo Jovem. Porto Alegre, v. 33, n. 364, p. 9, março 2006.

SOUZA PINTO, H. D. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Ed., 1997. p. 43-52